

GÊNEROS DO DISCURSO: UMA ABORDAGEM SEMIÓTICA

Regina Souza GOMES¹

- **RESUMO:** Neste artigo, temos como objetivo principal contribuir para as reflexões sobre o conceito de gênero, fundamentadas na semiótica de linha francesa, sem deixar de considerar as proposições fundadoras de Bakhtin e de outros autores, redimensionando-as à luz da base teórica escolhida. Analisamos, especialmente, os deslizamentos entre regularidades obrigatórias, intencionalidades estratégicas e imprevisibilidades, considerando o contínuo entre estabilização e desestabilização em que circulam, modificam-se e surgem os gêneros, por seu caráter histórico-social e por sua inscrição em situações enunciativas variáveis. Para tanto, tratamos dos gêneros no âmbito dos conceitos de práxis enunciativa e dos modos de presença, observando, nas ocorrências dos gêneros, a copresença de grandezas virtuais (abertura a novos modos de dizer genéricos²) e de grandezas fixadas pelo uso (postas em memória, disponíveis para convocação em discurso). A tensão entre essas grandezas discursivas tanto permite as transformações e variabilidades dos gêneros quanto os efeitos surgidos das suas superposições. Além disso, discutiremos em que medida a escolha pela manifestação em determinado gênero implica uma inserção em determinados regimes de interação subjetiva (especialmente os regimes de programação, de manipulação e, em certa medida, de ajustamento) a partir de Landowski (2005).
- **PALAVRAS-CHAVE:** Gêneros do discurso. Semiótica discursiva. Práxis enunciativa. Regimes de interação.

Introdução

Recentemente, os gêneros do discurso vêm sendo estudados sob diversas perspectivas teóricas como um conceito importante para os estudiosos do texto e do discurso, já que o processo de textualização não prescinde dos gêneros, ou seja, os textos são sempre, necessariamente, manifestações de um gênero.

Esses estudos ora tomam uma feição mais normativa, buscando fixar ou pelo menos enumerar determinadas características de gêneros específicos (o que comporta muitas dificuldades, dada a complexidade dos objetos de análise em suas diversas ocorrências), ora buscam compreender como se originam os gêneros, como se inserem na vida cultural e histórico-social, a partir de seus usos

¹ UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras – Departamento de Letras Vernáculas. Rio de Janeiro – RJ – Brasil. 21.941-917 – reginagomes@ufrj.br.

² Empregaremos o adjetivo genérico (relativo aos gêneros do discurso), apesar da polissemia do termo, por dois motivos: primeiramente, porque nem sempre é possível substituí-lo apropriadamente pela expressão correspondente de gênero; em segundo lugar, porque tem sido amplamente utilizado por diversos autores que se dedicam ao tema e por tradutores de obras estrangeiras sobre o assunto, não só no Brasil.

nas interações comunicativas, tomando-os como processos e acolhendo-os em suas próprias instabilidades.

De nossa parte, buscaremos contribuir para essas reflexões e tratar desse tema em sua complexidade, considerando o caráter instável, variável e mutável dos gêneros, mas sem deixar de observar certas recorrências, certa invariância que permite tomar a interação discursiva mais eficaz e imediata, inserindo-se num universo de expectativas compartilhadas pelo enunciador e pelo enunciatário, fixadas pelo uso, construindo convenções. Tomaremos, para isso, como base teórico-metodológica, a semiótica de linha francesa ao lado das proposições fundadoras de Bakhtin e de outros autores que apresentam posicionamentos convergentes com a teoria escolhida.

Segundo Bakhtin (2003, p.262), os gêneros são “tipos relativamente estáveis de enunciados”, conjugando a estabilidade e a recorrência a um traço de instabilidade apreensível pelo emprego do advérbio *relativamente*. Como diz Fiorin (2006, p.64):

O acento deve incidir sobre o termo *relativamente*, pois ele implica que é preciso considerar a historicidade dos gêneros, isto é, sua mudança, o que quer dizer que não há nenhuma normatividade nesse conceito. Ademais, o vocábulo acentuado indica uma imprecisão das características e fronteiras dos gêneros.

Se, por um lado, a variação e a instabilidade são inerentes aos gêneros, por outro lado, a exigência de uma estabilização não é menos importante. A falta de observância de certas regras de estruturação dos gêneros pode colocar em risco a própria aceitabilidade do discurso e do sujeito que o assume. Segundo Marcuschi (2008, p. 156),

Desde que não concebamos os gêneros como modelos estanques, nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem, temos que ver os gêneros como entidades dinâmicas. Mas é claro que os gêneros têm uma identidade e eles são entidades poderosas que, na produção textual, nos condicionam a escolhas que não podem ser totalmente livres nem aleatórias, seja sob o ponto de vista do léxico, grau de formalidade ou natureza dos temas, como bem lembra Bronckart (2001). Os gêneros limitam nossa ação na escrita. Isto faz com que Amy J. Devitt (1997) identifique o gênero como nossa “linguagem estândar”, o que por um lado impõe restrições e padronizações, mas por outro lado é um convite a escolhas, estilos, criatividade e variação.

Essa questão leva ao difícil problema dos limites da variabilidade dos gêneros, sua aceitação e seu reconhecimento como objeto interpretável, dotado de sentido.

Para discutir essa estabilização reconhecível pelos parceiros do ato enunciativo, mas, ao mesmo tempo, relativamente precária e provisória, levaremos em conta os conceitos de práxis enunciativa e de modos de presença a partir de Fontanille e Zilberberg (2001) e Fontanille (2007), a serem desenvolvidos no próximo item deste artigo.

Outra discussão importante relaciona-se com a anterior e diz respeito à medida em que a escolha pela manifestação de conteúdos linguísticos em certo gênero, motivada por um querer ou um dever do sujeito da enunciação, atualizada por um poder e um saber, implica a sua inserção em determinados regimes de interação intersubjetiva, especialmente nos *regimes de programação* – baseados nas regularidades, nos hábitos, nos comportamentos previsíveis, nos rituais, nos estereótipos, levando à quase dessemantização dos conteúdos – e *de manipulação* – baseados nos estratagemas, na persuasão, na argumentação, na negociação, instauradores de contratos, de transmissão de valores – segundo postula Landowski (2008). Incluem-se também nesse quadro, em certa medida, os *regimes de ajustamento*, envolvendo os afetos e as sensações, desestabilizando o previsível, abrindo caminhos para novos acordos quanto às construções genéricas e valores, constituindo-se no próprio processo de copresença de sujeitos e suas sensibilidades, possibilitando transformações e ressignificações, enfim, promovendo o devir dos gêneros.

Nesse quadro, a preocupação do enunciador em adaptar-se a determinadas maneiras de dizer certos conteúdos, em esferas específicas da ação humana, já previstas por Bakhtin (2003), deve-se à necessidade de fazer-se entender, de inscrever no discurso uma imagem de seu destinatário, de influenciá-lo e envolvê-lo, tornando possível a relação intersubjetiva. Umberto Eco (1995, p.117) faz referência a isso em *Como se faz uma tese*, ao dizer que o postulante a um título universitário “precisará empregar metalinguagem crítica compreensível a todos” e ao afirmar que:

Quando Marx falava dos operários, não escrevia como um operário de sua época, mas como um filósofo. Mas quando, de parceria com Engels, redigiu o Manifesto de 1848, empregou um estilo jornalístico, de períodos curtos, muitíssimo eficaz e provocatório. Diferente do estilo de *O Capital*, destinado a economistas e políticos.

A considerar os regimes de interação pressupostos pelos gêneros, interessamos também refletir até que ponto a flexibilidade dos gêneros está diretamente a eles relacionada. É o que discutiremos no item seguinte.

E, finalmente, trataremos das propriedades observáveis em conjuntos de textos que configuram os gêneros. Partindo de Bakhtin (2003, p.261-262), que considera serem esses enunciados constituídos de três elementos indissolivelmente

integrados – “o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional” – buscamos redimensioná-los e explicá-los segundo os postulados da semiótica francesa, observando reiterações de temas, de procedimentos e de formas variáveis (tanto no plano da expressão quanto no plano do conteúdo) nas concretizações discursivas e nas manifestações textuais em sua relação necessária com as formas invariantes e mais abstratas do percurso narrativo do sentido.

Gêneros e práxis enunciativa

O conceito de práxis enunciativa pode ajudar a explicar as mudanças, permanências, variações, desaparecimento e surgimento dos gêneros. Segundo Fontanille (2007, p.271),

[...] a práxis enunciativa está particularmente implicada no aparecimento e no desaparecimento dos enunciados e das formas semióticas no campo do discurso, ou no acontecimento que constitui o encontro entre o enunciado e a instância que lhe [sic] assume.

A práxis enunciativa regula, então, a “presença das grandezas discursivas no campo do discurso” (FONTANILLE, 2007, p.271). Pode convocar formas já estáveis, estocadas em memória, estereótipos, reproduzindo-os ou alterando-os. Pode fazer surgir novas formas a partir dos princípios combinatórios de estruturas invariantes, assumindo-as como singulares e produzindo impacto e causando rejeição ou difundindo-as e provocando seu acolhimento.

Aplicada aos estudos dos gêneros, a práxis coaduna e gere, portanto, não só as atividades discursivas como realização de determinado gênero (modo de existência realizado) e de repertórios de gêneros e tipos discursivos e suas possibilidades combinatórias (modo virtualizado), mas também o conjunto de usos mais ou menos estereotipados e fixos de enunciados genéricos postos em memória (modo potencializado) e a invocação de determinadas formas, prontas para serem realizadas (modo atualizado). A práxis enunciativa constitui-se, portanto, de um estoque de estruturas e de um devir, de um domínio coletivo, de estruturas invariantes, e de um domínio individual, dos discursos singulares e variáveis. Permite compreender, desse modo, os gêneros como entidades languageiras que tanto reiteram e estabilizam estruturas já postas frequentemente em uso, disponibilizadas para a convocação em discurso – ora reproduzidas com rigidez, ora flexibilizadas pela inserção de variações – quanto engendram mutações mais ou menos profundas e o surgimento de novas formas, a partir das situações sempre dinâmicas de interação verbal.

Levando em conta as proposições da linha tensiva da semiótica francesa, examinaremos os modos de presença dessas construções languageiras como operações que se explicam pela articulação dos eixos da intensidade e da extensidade, constituídos como categorias graduáveis.

Desse modo, o aparecimento, no campo do discurso, de inovações ou alterações nos gêneros pode ser apreendido como um espanto, identificado com uma intensidade tônica, podendo causar uma menor adesão ou mesmo uma forte rejeição. Um exemplo é a seguinte passagem de Eco (1995) que, ao alertar quanto à necessidade de escrever uma tese dentro de determinadas regras de composição, em “estilo” adequado, ilustra bem a expectativa do destinatário quanto ao gênero do discurso, em condições específicas de troca enunciativa, estabelecendo os limites para a aceitação de variações e as consequências presumíveis pela não obediência às regras estáveis e esperadas:

Não pretenda ser e.e. cummings. [...] Esta é uma recomendação importante, pois hoje em dia muita gente se mete a fazer teses “de ruptura”, onde não se respeitam as regras do discurso crítico. A linguagem da tese é uma metalinguagem, isto é, uma linguagem que fala de outras linguagens. Um psiquiatra que descreve os doentes mentais não se exprime como doentes mentais. Não quero dizer que seja errado exprimir-se como eles: pode-se, e razoavelmente, estar convencido de que os doentes mentais são os únicos a exprimir-se como deve ser. Mas então terá duas alternativas: ou não fazer uma tese e manifestar o desejo de ruptura recusando os títulos universitários e começando, por exemplo, a tocar guitarra; ou fazer a tese, mas explicando por que motivo a linguagem dos doentes mentais não é uma linguagem “de loucos”, e para tal precisará empregar uma metalinguagem crítica compreensível a todos. O pseudopoeta que faz sua tese em versos é um palerma (e com certeza mau poeta) (ECO, 1995, p.116).

Certas inovações podem, ao contrário, difundir-se e serem assumidas pelos sujeitos em interação enunciativa, de modo a incorporarem-se nas trocas enunciativas, aumentando em extensidade, como vemos acontecer com o uso cada vez mais amplo dos e-mails, que quase chegam a substituir as cartas pessoais e bilhetes, imprimindo alterações em sua forma composicional, e a invadir o universo das correspondências e comunicados oficiais e comerciais, incorporando, em alguns casos, variações de estilo.

Nos exemplos abaixo, colhidos entre correspondências eletrônicas trocadas em uma universidade federal, os textos transitam entre uma maior ou menor formalidade, maior ou menor quantidade de marcas subjetivas (nas projeções enunciativas, na escolha lexical, na actualização, na modalização etc.), como ocorre na primeira e na segunda transcrição abaixo, respectivamente, sem deixar de apresentar-se como um comunicado oficial, de caráter documental:

Assunto: Concomitância

De: xxxxxxxx (xxxxxxx@bol.com.br)
Enviada: quinta-feira, 25 de setembro de 2008
14:38:17
Para: xxxxxxxx
Cc: xxxxxxxx; xxxxxxxx; xxxxxxxx
Prezadas colegas,

os pedidos de concomitância só subiram ontem, quarta-feira. Acabei de terminar a análise. Como houve problemas sérios em relação a esse assunto, estou enviando abaixo o parecer sobre os processos que chegaram (talvez eu não tenha recebido todos - a Seção de Ensino continua prendendo os processos). Sugiro que não permitam que alunos com solicitação indeferida continuem em suas turmas e muito menos façam qualquer tipo de avaliação. Abraços, Xxxxx [primeiro nome].

Port VI e Port VII
Deferidos: xxxxxxx
Indeferidos: xxxxxxx

Assunto: Indicação para Coordenadora da XXX JIC

De: Apoio Letras – XXX (xxxxxxx@yahoo.com.br)
Enviada: quinta-feira, 14 de agosto de 2008
14:03:21
Para: xxxxxxxx@xxx.br
Prezada professora R.,

Informamos que o seu nome está como coordenadora da sessão 05 do dia 04 de Novembro de 2008, de 10hs às 12:30, no auditório E-1.

Solicitamos que seja acusado o recebimento deste email.
Diretoria Adjunta de Apoio Acadêmico da Faculdade de Letras

As variações na configuração dos comunicados institucionais parecem inscrever no texto a diversidade das relações hierárquicas, o grau de familiaridade entre os actantes da enunciação ou mesmo certa flutuação em relação à estabilização das inovações impostas pela interferência desse novo suporte e desse meio de transmissão.

Da mesma forma, o impacto da novidade pode surpreender e resgatar o sentido de gêneros já dessemantizados tanto quanto sua difusão e sua reiteração podem

levar a um desgaste do gênero, que passa a servir apenas para constituir rituais ou rotinas que beiram a insignificância.

No domínio religioso, por exemplo, as orações que compõem a liturgia das missas repetem-se em fórmulas fixas que podem levar a uma perda de significação e a uma dispersão dos sujeitos. As pequenas variações no rito litúrgico permitem fazer pequenos deslocamentos de modo a provocar algum reinvestimento semântico e a recuperar a atenção, como se pode perceber nas duas ocorrências abaixo:

ORAÇÃO DEPOIS DA COMUNHÃO

OREMOS: Tendo recebido em comunhão o Corpo e o Sangue do vosso Filho, concedei, ó Deus, possa esta Eucaristia que ele mandou celebrar em sua memória fazer-nos crescer em caridade. Por Cristo, nosso Senhor – **Amém**. (DEUS CONOSCO, 1998).

OREMOS (pausa): ó Deus, que nutris e fortificais vossos fiéis com o alimento da vossa palavra e do vosso pão, concedei-nos, por estes dons do vosso Filho, viver com ele para sempre. Por Cristo, nosso Senhor. AS.: **Amém**. (O DOMINGO, 2000).

Nos dois casos, o conteúdo mantém-se em construções parafrásticas. Na forma composicional, repete-se a invocação a Deus por meio de um mesmo vocativo e há uma mesma fórmula final, mas a pequena mudança na superfície textual e no grau de formalidade parece amenizar o desgaste do sentido, sem perder completamente a forma ritualizada.

A superposição de gêneros, propiciada pela manipulação da coocorrência das diversas grandezas dos modos de existência semiótica, pode aferir ao gênero efeitos curiosos, abrindo novas possibilidades interpretativas. Em “Glossário de transnomações em que não se explicam algumas delas (nenhumas) ou menos”, de Manoel de Barros (1998), a enunciação atualiza propriedades do gênero poema (considerando a temática, a forma composicional e o estilo, para recuperarmos a proposição de Bakhtin (2003), mas torna latente, potencializada, pela inscrição de certas peculiaridades formais, outro gênero – o verbete de dicionário –, como se pode perceber no poema transcrito abaixo:

Pedra, s.f

Pequeno sítio em que o lagarto de pernas
areentas medra (como à beira de um livro)
Indivíduo que tem nas ruínas prosperantes de sua
boca avidez de raiz
Designa o fim das águas e o restolho a que o homem
tende

Lugar de uma pessoa haver musgo
Palavra que certos poetas empregam para dar
concretude à solidão. (BARROS, 1998, p.46).

O título que aparece como entrada no dicionário, seguido da abreviatura “*s.f.*”, indicando suas propriedades gramaticais, e a estrutura nominal dos sintagmas nos versos, determinada ou não por orações relativas, própria das acepções dos verbetes, aludem às delimitações semânticas que individualizam os lexemas nos dicionários para desconstruí-las pela convocação de outro modo de fazer sentido, utilizando para isso a distribuição dos sintagmas em versos, o emprego de metáforas, entre outros procedimentos expressivos. Nenhum dos dois gêneros, nesse caso, realiza-se plenamente, apesar da saliência do gênero de natureza literária, fazendo emergir uma ruptura no horizonte de expectativas do destinatário – de certa forma já esperada, “a espera do inesperado” de que nos fala Greimas (2002, p.89) em relação à experiência estética, dadas as características dos textos literários –, dando-lhe profundidade e complexidade.

Fenômeno parecido pode ser observado na canção “Meu caro amigo”, de Chico Buarque:

Meu caro amigo me perdoe, por favor
Se eu não lhe faço uma visita
Mas como agora apareceu um portador
Mando notícias nessa fita

Aqui na terra tão jogando futebol
Tem muito samba, muito choro e rock'n'roll
Uns dias chove, noutros dias bate sol

Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta

Muita mutreta pra levar a situação
Que a gente vai levando de teimoso e de pirraça
E a gente vai tomando e também sem a cachaça
Ninguém segura esse rojão

[...]

Meu caro amigo eu bem queria lhe escrever
Mas o correio andou arisco
Se me permitem, vou tentar lhe remeter
Notícias frescas nesse disco

[...]

A Marieta manda um beijo para os seus
Um beijo na família, na Cecília e nas crianças
O Francis aproveita pra também mandar lembranças
A todo o pessoal
Adeus

Potencializando certas características composicionais da carta (invocação do destinatário, despedida, temática variável, incluindo eventos cotidianos, referência a pessoas apenas pelo primeiro nome, linguagem familiar), o texto atualiza outras, reconhecíveis como pertencentes ao gênero canção. Nesse caso, a coocorrência dos gêneros num só texto é explicitada no próprio enunciado (“Meu caro amigo eu bem queria lhe escrever/ Mas o correio andou arisco/ Se me permitem, vou tentar lhe remeter/ Notícias frescas nesse disco”).

A hibridização dos gêneros inscreve no texto as condições específicas de circulação e a natureza também híbrida do destinatário – Augusto Boal, em Portugal, mas também um público mais amplo, de ouvintes da canção, conforme comenta o próprio Boal (apud FERNANDES, 2004, p.45), em depoimento publicado em *Chico Buarque do Brasil*:

Cecília, eu, e nossos filhos, em Lisboa, no Campo Pequeno [...] quando, na sobremesa, minha mãe visitante me disse que tinha trazido do Brasil uma carta do Chico. Pusemos a carta-cassete na vitrola e, pela primeira vez, ouvimos “Meu caro amigo”, com Francis Hime ao piano. Falávamos tristezas, e ouvimos canto da esperança.
Chico resistia, aqui no Brasil, escrevendo “Apesar de você” e “Vai passar”, e nos ajudava a resistir lá fora, cantando sua amizade. Sua lírica era a mais pura poesia épica: seu caro amigo eram todos os nossos amigos, e todos os nossos amigos eram seus.

Como podemos perceber, não é possível tratar dos gêneros sem considerar as relações intersubjetivas que os fundam. Para discutir essa questão, tomamos como apoio teórico os estudos sobre os regimes de interação de Landowski (2005), que desenvolveremos no próximo item.

Regimes de interação e escolhas genéricas

A multiplicidade de gêneros do discurso e sua escolha se inscrevem necessariamente nas situações de interação subjetiva. Segundo Bakhtin (2003, p.283), “A diversidade desses gêneros é determinada pelo fato de que eles são diferentes, em função da situação, da posição social e das relações sociais de reciprocidade entre os participantes da comunicação.”

Para melhor compreender, então, os limites dessas escolhas e os graus de “risco” que elas podem desencadear, é preciso situá-las entre os diversos regimes de interação que podem se instaurar entre os sujeitos parceiros das trocas comunicativas, mesmo as mais cotidianas. É a partir desses regimes que os gêneros se mantêm ou se modificam, fixam-se em estereótipos e em fórmulas, ou se transformam e se flexibilizam, ajustando-se aos variáveis processos intersubjetivos.

Landowski (2005) propõe um modelo de análise que é constituído de quatro regimes de interação: programação, manipulação, ajustamento e assentimento. Dotados de dinamismo e complexidade, não correspondem a fronteiras que simplesmente separam e opõem modos de relações entre sujeitos e destes com o mundo, mas sim a zonas de transição, deixando “[...] aberta, entre cada uma delas e todas as outras, a possibilidade de idas e voltas, de bruscas metamorfoses ou de passagens gradativas, de transformações, superposições ou inclusões da maior diversidade.” (LANDOWSKI, 2008, p.67).

Constituindo a lógica da prudência, os regimes de programação e de manipulação são fundados numa maior previsibilidade e regularidade. No regime de programação, essas qualidades ocorrem em maior grau, as relações se dão dentro de um padrão constante, próprio de regulamentos, hábitos e rituais, constituindo estereótipos comportamentais. A estabilidade que regula essa interação está marcada pela segurança, mas tende à completa insignificância.

O regime de manipulação se caracteriza pela menor regularidade, e as relações circunscritas por esse regime são movidas pela intencionalidade, pelo emprego de estratégias necessárias para fazer o outro crer e agir. Os sujeitos mobilizam-se em busca da significação, instauram acordos, preveem o desdobramento de suas artimanhas, limitando o risco do inesperado.

Os regimes de ajustamento e de assentimento fazem emergir a aventura e o inesperado. No caso do ajustamento, observa-se um processo de descoberta, de sintonia entre sensibilidades. Marcado pela instabilidade e pela insegurança, esse regime corresponde a uma dimensão sensível nas relações, instaurando uma abertura para a renovação dos sentidos.

Os regimes de assentimento se explicam pelo acidente, pelo imotivado, pelo risco total nas relações. É a esfera do caos e do puramente lúdico, do inconstante e do fortuito. Diante do aleatório e da impossibilidade de controle e de sentido, resta aos sujeitos a aceitação do acaso.

Esses regimes aplicam-se a objetos, processos e situações mais amplas que as que enfocamos, mas servem bem para explicar a circulação dos gêneros. Certos gêneros, bastante estáveis, indefinidamente repetidos e de características constantes, inscrevem-se bem nos regimes de programação. É o caso dos

requerimentos, das atas, das saudações cotidianas, dos memorandos, das orações, para citar apenas alguns exemplos. Esses gêneros são empregados em situações em que os papéis dos sujeitos estão previamente estabelecidos e os efeitos da interação comunicativa já são esperados.

O uso desses gêneros é geralmente regulado e ocorre frequentemente a fixação de modelos a serem reproduzidos. Transcrevemos abaixo orientações de um portal especializado da internet para redação de memorando, seguido do modelo dado:

O memorando pode ser interno ou externo. O primeiro é uma correspondência interna e sucinta entre duas seções de um mesmo órgão. O segundo pode ser oficial e comercial. O oficial assemelha-se ao ofício; e o comercial, à carta comercial. O papel usado para qualquer tipo de memorando é o de meio-ofício. Sua característica principal é a agilidade (tramitação rápida e simplicidade de procedimentos burocráticos). Isso implica fazer os despachos no próprio documento ou, se necessário, em folha de continuação.

Modelo

TIMBRE	
Memorando nº 32/DA	Em 29 de setembro de 1988
Ao Sr. Chefe da Divisão de Seleção	
Assunto: Desligamento de Funcionário	
4cm	
Cumprindo determinação da Presidência, comunicamos que foi desligado, hoje, desta Divisão, o datilógrafo Mário Oliveira, posto à disposição da DS.	
1cm	
Atenciosamente,	
4cm	
<i>Fulano de Tal</i> Diretor	

(MEMORANDO, 2009)

Observa-se que, entre as regras, até o tamanho do papel que serve de suporte é definido rigorosamente, assim como as medidas exatas da distância entre cada parte do texto. Exageros à parte, é certo que esses tipos de composições fixas agilizam a interação, pois sua previsibilidade permite antecipar a apreensão

de seu conteúdo. No entanto, como assevera Landowski (2008), a repetição e a previsibilidade podem levar à insignificância. No movimento entre a busca da estabilidade que automatiza comportamentos, instaura hierarquias e estabelece rituais e a necessidade de fazer emergir a significação que escapa, é possível a insurgência de alguma variação no gênero, como pudemos perceber nas orações depois da comunhão que citamos no item anterior deste artigo.

Mais flexíveis, as cartas familiares, os discursos políticos, as reportagens e as crônicas jornalísticas, entre outros gêneros, pressupõem os chamados regimes de manipulação, em que os valores comunicados pelo enunciador estão sujeitos a negociações com o enunciatário, submetidos a um contrato em que os estratégias de natureza intelectual têm importante papel.

Esses gêneros, apesar de apresentar invariâncias que permitem reconhecê-los e tornar viável e mais eficiente sua interpretação pelo destinatário, também comportam uma abertura para a criatividade e a surpresa, desde que não coloque em risco sua aceitabilidade. É o que acontece, por exemplo, com os anúncios publicitários, em que a flexibilidade e certa inventividade são características necessárias. Para isso, ao lado de certos mecanismos argumentativos próprios, há, por exemplo, um tratamento especial do plano da expressão, que

Apesar de estabelecer uma ruptura que captura o olhar e a atenção, acaba por ser um procedimento frequente no gênero, entre outros que constroem uma constância que garante o seu reconhecimento e legibilidade. Entre eles, a preferência pela debragem actancial enunciativa (Ex.: “Conte comigo”, “Sobram motivos para você ter um”, “No fim de semana coloque a secretária eletrônica para trabalhar”) e a eleição de um foco, que pressupõe a possibilidade de fazer emergir um dado objeto, com dada característica, em posição de ênfase. (GOMES et al., 2007, p.307).

É uma maneira, portanto, de controlar o fluxo de atenção, de tornar a intencionalidade enunciativa bem sucedida, de não deixar escapar o enunciatário do universo de valores acordado, sempre a partir de uma previsão das suas expectativas e pontos de vista pelo enunciador.

Os gêneros que compõem o domínio literário e artístico, diferentemente destes, oferecem-se mais intensamente como um convite para o jogo de sensibilidades, próprio do regime de ajustamento, fazendo sentir mais que entender cognitivamente o conteúdo veiculado. Seu sentido é apreendido como uma descoberta e uma aventura. Por isso caracterizam-se por uma elaboração da forma do conteúdo e da forma da expressão, em graus variáveis, de modo a fazer o destinatário experimentar os universos de sentido construídos no texto. Nesse

caso, a estabilização dos gêneros se torna mais precária, instaurando a expectativa justamente do inesperado, do insondável, do lúdico. (GREIMAS, 2002).

Por fim, mesmo que não possamos associar os gêneros ao regime de assentimento, dado o caráter caótico deste em oposição à relativa estabilidade que caracteriza aqueles, é possível prever, ao menos teoricamente, o papel instaurador de novos e inusitados gêneros a partir da experientiação da imprevisibilidade e do acaso que caracteriza esse regime de interação. Nesse caso, a insurgência dos gêneros pode ser explicada como consequência do movimento dos sujeitos acometidos pelo insólito em busca do retorno ao sentido, à estabilização e à segurança.

Se considerarmos os gêneros como concretizações languageiras de determinados regimes de interação, conforme o modelo proposto por Landowski (2005, 2008), também acolheremos o dinamismo do modelo, entendendo que ocorrem em gradação, resvalando de um a outro, podendo estar em copresença ou em superposição.

É assim que os comunicados oficiais, encaminhados por e-mail, exibem diferenças quanto ao estilo, mais ou menos formal, apesar da rigidez que caracteriza o gênero, como foi demonstrado anteriormente. O rito litúrgico, fixado nos missais, apesar de impor papéis actanciais bem determinados que se discursivizam em gêneros pouco flexíveis, sempre se deixam alternar por outros mais variáveis, como se pode observar na recomendação abaixo transcrita da *Instrução geral do missal romano* da Arquidiocese de São Paulo, disponível na *internet*, acerca das “orações e outros elementos que pertencem à função do sacerdote”:

Compete igualmente ao sacerdote, enquanto presidente da assembleia reunida, fazer certas admoestações previstas no próprio rito. *Onde as rubricas o prevejam, o celebrante pode adaptá-las de modo a corresponderem melhor à capacidade dos participantes*; no entanto, o sacerdote deve procurar que o sentido da admoestação proposta no livro litúrgico seja sempre mantido e expresso em poucas palavras. (INSTRUÇÃO..., 2009, p.16, grifo nosso).

Nesse caso, apesar de delimitado pelas regras a certos momentos do rito e das modalizações deônticas (obrigação e permissão), alguma flexibilidade é possível de modo a tornar a admoestação inteligível para o destinatário.

Nos textos publicitários, o apelo ao sensível insere-se num conjunto de estratégias de modo a ser “[...] capaz de exigir, por tentação, uma parada do olhar ‘vagueante’, oferecendo-lhe um objeto aprazível – ou curioso, imprevisto – enfim, sensibilizando e mobilizando de modo peculiar o espectador/leitor.” (GOMES et al., 2007, p.307). Mesmo sendo um texto utilitário, em que prevalece a ação do sujeito destinador em relação ao destinatário para levá-lo a um fazer cognitivo e

pragmático, cria-se uma espécie de simulação do prazer estético, sem que possa ser, contudo, confundido com o provocado pelos textos poéticos já que se submete à intencionalidade de um sujeito manipulador, que busca impor ao destinatário certos valores e uma demarcação à interpretação dos sentidos possíveis.

E, por fim, os textos que manifestam gêneros de natureza artística ou literária tanto podem reportar-se a formas estereotipadas, reelaborando-as, num jogo lúdico de reinstauração de sentidos (como ocorre no poema de Manoel de Barros anteriormente comentado neste artigo) quanto podem surpreender a ponto de deixar atônito o enunciatário. Alguns desses textos arriscam-se, assim, ao *nonsense* que desconcerta e desestabiliza o sujeito, ou à suspensão do sentido que provoca a sua dissolução “em um mundo excessivo”, levando-o a uma fuga ou a uma recusa (GREIMAS, 2002, p.52-53). Desse modo, escapa-se à sintonia sensível que permite aos sujeitos reconhecerem-se como instâncias que ocupam um lugar existencial reconhecível, ao menos precariamente, na interação subjetiva.

Invariâncias e fronteiras instáveis entre gêneros

Após discutir a natureza complexa e dinâmica dos gêneros, considerando-os como manifestações de certos regimes de interação, é forçoso também refletir sobre as invariâncias que tomam essas construções de linguagem reconhecíveis, dando maior eficácia às trocas enunciativas.

Segundo Bakhtin (2003), os gêneros constituem-se de três elementos indissolivelmente relacionados: construção composicional, conteúdo temático e estilo. São elementos que se mostram eficazes na constituição do gênero, muitas vezes citados por diversos autores de variadas linhas teóricas, mas a nossa escolha teórica exige um redimensionamento desses elementos.

A teoria semiótica considera a geração do sentido dos textos como um percurso constituído de três níveis de abstração: o fundamental, mais profundo, o narrativo, intermediário, e o discursivo, mais superficial e próximo da manifestação textual. Cada um deles é constituído de uma sintaxe e uma semântica. Esse aparato metodológico é capaz de explicar o processo de constituição do sentido dos textos, considerando a forma do conteúdo. A teoria não descuida, no entanto, da forma da expressão dos textos, fundamental para a análise de certos textos como os literários e os publicitários, entre outros. Considera também os textos que são compostos de linguagens variadas, os textos sincréticos, como as peças teatrais, os filmes e reportagens jornalísticas.

Para abordar o gênero, redefinimos, então, os elementos indissolúveis de Bakhtin (2003), considerando especialmente os níveis mais próximos à textualização, já que os gêneros são composições que estão intrinsecamente

relacionadas à manifestação linguística. Isso não significa, contudo, que, entre as invariantes que nos permitem reconhecer um gênero em meio a outros e no conjunto de suas ocorrências variáveis, não possamos observar a relação necessária entre as estruturas mais superficiais e as mais profundas.

É possível, desse modo, identificar, nas ocorrências dos gêneros, a textualização recorrente de determinadas etapas do percurso narrativo (manipulação, competência, performance e sanção). Os textos publicitários, por exemplo, usualmente manifestam a etapa da manipulação, deixando pressupostas as outras. As sentenças judiciais, diferentemente, dão ênfase à etapa da sanção.

Recobrando a forma composicional, incluem-se também, além da organização narrativa e sua textualização, outras estruturas da sintaxe da forma do conteúdo. As recorrências quanto a escolhas das projeções enunciativas e de determinados recursos argumentativos são elementos observáveis para a compreensão dos mecanismos de particularização dos gêneros, se levarmos em conta as estruturas discursivas. Nos textos jornalísticos, por exemplo, percebe-se a preferência, em relação às projeções enunciativas, pela debreagem enunciativa de pessoa e espaço e enunciativa de tempo, assim como a recorrência do emprego da ancoragem espacial, temporal e actancial e do recurso à heterogeneidade discursiva para corroborar a verdade dos fatos enunciados, entre outros procedimentos.

As categorias tensivas podem ser também bastante úteis para a apreensão de qualidades semânticas dos diversos gêneros responsáveis pela instituição de certos estilos semióticos que os individualizam.

Certas recorrências quanto à forma da expressão também são importantes na compreensão dessas “composições relativamente estáveis” tanto quanto as linguagens de manifestação que compõem os textos, como já dissemos. O emprego de aliterações, assonâncias, rimas, por exemplo, são recorrentes em poemas e canções, particularizando os gêneros.

As reiterações relativas à manifestação dos conteúdos também não podem ser desprezadas. Nos textos jornalísticos, ao lado de certas preferências relativas à forma do conteúdo, já comentadas, é comum também a ocorrência, num primeiro parágrafo das reportagens, de um resumo da narrativa a ser desenvolvida, chamado de *lead*. Da mesma forma, a carta é sempre encabeçada por informações sobre local e data de produção do texto, seguida de um vocativo e finalizada por uma fórmula de despedida e assinatura, designando o destinador do texto, elementos distribuídos na página sempre do mesmo jeito. Essas reiterações de elementos textuais podem ser mais ou menos fixas, a depender da rigidez das relações interativas.

Outro elemento apontado por Bakhtin (2003) como fundamental para a constituição dos gêneros é o conteúdo temático, que não corresponde a um

tema específico, mas a “um domínio de sentido de que se ocupa o gênero”, como esclarece Fiorin (2006, p.62). Diz respeito, portanto, a uma semântica da estrutura imanente dos textos, que, no nível discursivo, traduz-se pelos procedimentos de tematização e figurativização. Assim, há uma configuração temática própria de um certo gênero, como, por exemplo, devoção religiosa e invocação a figuras sagradas e santificadas, nas orações, ou oferecimento e qualificação de um bem de consumo ou serviço, nos anúncios publicitários.

Além disso, o fato de os temas se recobrirem ou não de figuras em sua textualização não é indiferente, considerando os gêneros do texto. Um romance é sempre um texto predominantemente figurativo, enquanto um artigo acadêmico é comumente temático, mesmo que possa apresentar figuras de maneira esporádica.

O estilo é outro aspecto a considerar, segundo Bakhtin (2003, p.261), para a construção do enunciado em determinado gênero. Esse autor considera estilo como “seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua”. Essa seleção de elementos linguísticos não se dissocia, conforme o autor elucida em passagens posteriores, de uma preocupação com a “atitude responsiva”, compreensiva, do destinatário do texto:

Desde o início, porém, o enunciado se constrói levando em conta as atitudes responsivas, em prol das quais ele, em essência, é criado. O papel dos outros, para quem se constrói o enunciado, é excepcionalmente grande, como já sabemos (BAKHTIN, 2003, p.301).

Percebe-se, então, o papel de destaque atribuído ao enunciatário, tão importante quanto o do enunciador ao produzir o enunciado e modelá-lo segundo o gênero escolhido.

De certa forma, o autor refere-se a um conjunto de valores, crenças, visões de mundo que fundam o contrato fiduciário entre enunciador e enunciatário, determinando a escolha do gênero e tornando possível a realização eficiente do ato enunciativo.

Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção de meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele. Essa consideração irá determinar também a escolha do gênero do enunciado [...]. (BAKHTIN, 2003, p.302).

Esse acordo entre sujeitos que afeta o estilo empregado (e, em última instância, o próprio gênero) é responsável também por fazer tomar o enunciado como um simulacro da realidade ou como ficção, permitindo diferenciar o modo de contar e interpretar um fato numa reportagem ou num conto, distinguindo-os como gêneros.

Após essas considerações sobre o estilo a partir de Bakhtin (2003) (possível no contexto histórico em que foi proposto pelo autor), é necessário discutir a restrição feita à seleção de recursos de natureza especificamente linguística, o que significa não abarcar a totalidade dos textos que se manifestam por mais de uma linguagem, como programas televisivos, cartazes, histórias em quadrinhos e outros. Há que se reconsiderar, portanto, a noção de estilo em Bakhtin (2003) para poder dar conta de inúmeros gêneros do discurso em circulação na sociedade.

Outra consideração a fazer diz respeito ao fato de que todos esses elementos anteriormente apontados devem estar indissoluvelmente integrados. Uma mesma narrativa ficcional, que originariamente é manifestada por recursos próprios do discurso verbal escrito pode ser adaptada para a forma composicional dos quadrinhos, mas passa a ser, então, textualizada por meio de outro gênero do discurso, mesmo havendo uma reprodução quase literal dos enunciados verbais do texto de origem. Isso é o que ocorre com diversas versões em quadrinhos do conto "O alienista", de Machado de Assis, publicadas pelas editoras Agir, Escala Educacional e Companhia Editora Nacional, por exemplo (analisadas em GOMES et al., 2008). Outro exemplo são as possíveis alterações no estilo de um comunicado institucional, tomando-o familiar e jocoso, apesar de manter o conteúdo temático e a forma composicional característicos do gênero oficial, fato que configura a criação de um texto de gênero anedótico ou humorístico.

Conclusão

Discutimos dificuldades e apresentamos algumas propostas para a abordagem dos gêneros sob o ponto de vista teórico da semiótica. São reflexões iniciais que ainda precisam ser mais profundamente desenvolvidas, mas que apontam para a necessidade de enfrentar esse tema tão importante, como bem demonstrou Bakhtin (2003). Finalizamos esse artigo com uma citação desse autor, numa passagem em que evidencia o papel dos gêneros para a comunicação discursiva:

Se os gêneros do discurso não existissem e nós não o dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível (BAKHTIN, 2003, p.283).

Os gêneros nos permitem, por sua relativa estabilidade, antecipar e estabelecer a ação interpretativa, mas seu caráter, ao mesmo tempo flexível e instável, nos abre condições para nos ajustarmos às novas circunstâncias histórico-sociais a que sempre estamos sujeitos.

A aplicação do aparato metodológico da semiótica para a caracterização dos gêneros não resolve o difícil problema da sua diferenciação, já que as fronteiras entre eles são imprecisas, sua estabilização é quase sempre precária e a sua multiplicidade torna essa tarefa infrutífera. Mesmo o estabelecimento de critérios para sua identificação é difícil, dadas a heterogeneidade dos gêneros e a dinamicidade das situações de comunicação a partir das quais eles emergem. No entanto, essa dificuldade não impede que reconheçamos essas construções como gêneros específicos e que levemos isso em conta nas relações comunicativas que estabelecemos em todas as circunstâncias, o que torna possível e até obrigatório o seu uso.

Esse fato torna fundamental o estudo das propriedades e constituição dos gêneros e isso é alcançável, se não tivermos a pretensão de classificá-los precisa e exaustivamente, mas sim conhecer o processo dinâmico em que se movem, transmutam-se ou se estabilizam nas condições históricas de interação comunicativa.

GOMES, R. S. Discourse genres: a semiotics approach. *Alfa*, São Paulo, v.53, n.2, p.575-594, 2009.

- *ABSTRACT: This paper aims to contribute to the study of the genre concept grounded on the French semiotics. Bakhtin's and other scholars' propositions will be taken into account and molded against the French semioticians. The focus of analysis are the slide movement observed between the obligatory regularities, strategic intentionalities, and unpredictabilities, considering the continuum between stabilization and destabilization, where genres circulate, are modified, and are created, for genres have a socio-historical character and are inserted into variable enunciative situations. In this paper, genres are considered in the scope of the enunciative praxis and of the ways of presence, and it is also taken into account, in the occurrence of genres, the co-presence of both virtual values (new ways of saying; new genres) and fixed values by usage (stored in memory and available to be used in discourse). The tension between these two discourse values allows for both genre transformations and variations and their overlaying effects. It will also be discussed, from Landowski's (2005) perspective, to what extent the choice of a manifestation in a particular genre implies an insertion in certain regimes of subjective interaction (in particular, programming, manipulation, and, to a certain degree, adjustment regimes).*
- *KEYWORDS: Discourse genres. Discourse semiotics. Enunciative praxis. Interaction regimes.*

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARROS, M. Glossário de transnomações em que não se explicam algumas delas (nenhumas) ou menos. In: _____. *Arranjos para assobio*. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p.46.
- DEUS conosco. *Semanário Litúrgico*, ano XXVIII, n.54, nov. 1998.
- ECO, H. *Como se faz uma tese*. Tradução de Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- FERNANDES, R. (Org.). *Chico Buarque do Brasil: textos sobre as canções, o teatro e a ficção de um artista brasileiro*. Rio de Janeiro: Garamond: Fundação Biblioteca Nacional, 2004.
- FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.
- FONTANILLE, J. *Semiótica do discurso*. Tradução de Jean Cristtus Portela. São Paulo: Contexto, 2007.
- FONTANILLE, J.; ZILBERBERG, C. *Tensão e significação*. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas, 2001.
- GOMES, R. S. et al. Modos de narrar, modos de fazer ver: análise semiótica de adaptações para quadrinhos do conto O alienista. In: COLÓQUIO DO CENTRO DE PESQUISAS SOCIOSEMIÓTICAS, 14., 2008, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Edições CPS, 2008. No prelo.
- GOMES, R. S. et al. Um mundo perfeito? Relações entre linguagens e construção de valores no anúncio publicitário de automóveis. *Cadernos de Discussão do Centro de Pesquisas Sociosemióticas*, São Paulo, v.1, n.13, p.305-320, dez. 2007.
- GREIMAS, A. J. *Da imperfeição*. Tradução de Ana Claudia de Oliveira. São Paulo: Hacker Editores, 2002.
- HOLANDA, C. B. Caro amigo. In: *Letras.mus.br*. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/chico-buarque/7584>>. Acesso em: 20 fev. 2009.
- INSTRUÇÃO geral do missal romano. São Paulo: Arquidiocese de São Paulo. Disponível em: <www.arquidiocese-sp.org.br/download/documentos/doc_santa-se-instrucao_geral_do_missal_romano.doc>. Acesso em: 20 fev. 2009.
- LANDOWSKI, E. Da interação, entre comunicação e semiótica. In: PRIMO, A. et al. (Org.). *Comunicação e interações*. Porto Alegre: Sulina, 2008.p.43-70.

_____. *Les interactions risquées*. Limoges: Pulim, 2005. (Nouveaux Actes Semiotiques, n.101-103).

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MEMORANDO. MODELOS de documentos comerciais. Disponível em:

<<http://www.portaladm.adm.br/Portinstrumental/modelos%20de%20documentos.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2009.

O DOMINGO. *Semanário litúrgico-catequético*, ano LXVIII, remessa XI, n.44, set. 2000.

Recebido em março de 2009.

Aprovado em julho de 2009.